

“Ligando as pontas!” - a atuação do Fundo Podáali no fomento da Bioeconomia na Amazônia

NATANAEL SILVA CORREIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

JOSÉ AUGUSTO LACERDA FERNANDES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

“Ligando as pontas!” - a atuação do Fundo Podáali no fomento da Bioeconomia na Amazônia

1. Introdução

Embora constitua um bem comum universal e ocupe um papel vital no enfrentamento de grandes desafios da contemporaneidade (Aragón, 2018), a Amazônia tem vivenciado um processo crescente de destruição, o qual pode conduzi-la a um ponto de não retorno dentro de algumas décadas (Lovejoy e Nobre, 2018). Mudar o rumo da história exige não apenas ações imediatas de proteção e combate ao desmatamento, mas também o desenvolvimento de uma economia da floresta em pé, que alie geração de renda, conservação da biodiversidade e a melhoria da qualidade de vida das populações locais (Fernandes, Comini e Rodrigues, 2022).

Nesse contexto, não surpreende que o empreendedorismo social constitua um aliado importante para o desenvolvimento sustentável dos países amazônicos, ainda mais para o Brasil, país que ocupa 64% do bioma. Embora não utilizem tal classificação de modo explícito, muitos empreendimentos da região já imprimem uma lógica híbrida em suas operações. Em especial, quando se trata dos negócios engajados com as cadeias de valor da bioeconomia da Amazônia. Ao promoverem o uso inteligente da riqueza natural, a restauração florestal e o atendimento de demandas socioeconômicas, esses empreendimentos contribuem para o enfrentamento tanto de desafios globais quanto de urgências locais (Abramovay et al., 2021). Estudos recentes estimam, por exemplo, que as cadeias da sociobiodiversidade podem movimentar por ano cerca de 38,5 bilhões de reais até 2050, empregando cerca de 947 mil pessoas (Nobre et al. 2023).

Um rápido sobrevoo por algumas cadeias de valor características da Amazônia (como fruticultura, oleaginosas, fibras, artesanato e biojoias, entre outras) permite conhecer inúmeros produtos e empreendimentos que confirmam o dinamismo dessa bioeconomia. No entanto, também evidencia que ainda é preciso avançar em muitas frentes para consolidá-la como uma verdadeira fortaleza do empreendedorismo social e do desenvolvimento sustentável na região. Uma das agendas prioritárias consiste na inclusão dos povos, comunidades e territórios indígenas nesse movimento (Uma Concertação Pela Amazônia, 2024). Ao combinar saberes ancestrais com modos de vida que respeitam o ambiente natural, indígenas são os principais guardiões da biodiversidade local, sendo vitais para a criação de uma bioeconomia genuinamente engajada com a sustentabilidade. Outra demanda primordial diz respeito ao aumento e à qualificação dos investimentos financeiros feitos nesse setor (SITAWI, 2018). Por trabalharem com produtos que não possuem cadeias bem estruturadas, lidam com vários desafios logísticos e ainda exigem investimentos intensivos em inovação, empreendimentos da bioeconomia demandam mecanismos inovadores de financiamento, atentos às suas especificidades e às características do próprio contexto amazônico (Fernandes e Comini, 2024).

Face a escassez de conhecimentos aprofundados sobre cada uma dessas agendas, não surpreende notar inúmeras questões em aberto sobre as suas interfaces. Essa lacuna precisa ser abordada de modo pragmático, ainda mais quando se observa que, mesmo sendo vitais para a bioeconomia, os indígenas têm tido uma posição pouco privilegiada na captação dos recursos financeiros injetados nesse campo. Dados da Rights And Resources Initiative e Rainforest Foundation Norway (2022) apontam, por exemplo, que apenas 17% dos recursos direcionados à gestão florestal estão sob liderança de organizações indígenas e comunitárias.

A fim de alargar o conhecimento existente sobre tal problemática, esta pesquisa buscou compreender a construção e a gestão de um mecanismo de financiamento voltado exclusivamente para os povos indígenas da Amazônia brasileira. A partir de um estudo de caso sobre o Fundo Podáali, conseguiu-se resgatar as principais fases vivenciadas na trajetória dessa iniciativa (concepção, tração e crescimento) e conhecer mais a fundo um conjunto de elementos importantes na sua operacionalização, com destaque para as atividades-chave, para os principais recursos mobilizados e para os atores que viabilizam a sua atuação.

Ao permitir uma visualização mais completa sobre a forma como o Podáali tem conseguido mobilizar recursos substanciais, apoiando projetos voltados para a bioeconomia nos nove estados da Amazônia Legal, este artigo contribui não somente para um entendimento mais robusto sobre mecanismos de investimento inovadores engajados com a promoção de uma bioeconomia inclusiva, mas também com a própria gestão do fundo estudado. Adicionalmente, também sinaliza aos mais diferentes atores (públicos, privados e do terceiro setor) que a estruturação e a adaptação de mecanismos de financiamento inovadores são importantes para atender às necessidades específicas da região, fortalecendo saberes ancestrais e o protagonismo dos povos indígenas no desenvolvimento de suas iniciativas.

Em termos de organização, o artigo está subdividido em cinco seções. Após esta breve introdução, apresenta-se o referencial teórico-empírico que alicerçou a pesquisa, trazendo à tona um debate sobre bioeconomia e os desafios ligados aos investimentos feitos nesse campo. Em seguida, descreve-se os procedimentos metodológicos do estudo, detalhando as diferentes técnicas de coleta de dados e a forma como eles foram analisados. Feito isso, apresenta-se enfim a análise dos resultados e, em seguida, as considerações finais da pesquisa.

2. Referencial teórico-empírico

A bioeconomia global é influenciada por visões dominantes de otimização da exploração de recursos, muitas vezes refletidas nas diretrizes econômicas e ambientais (Bérgamo et al., 2022). Já na Amazônia brasileira – devido à sua rica biodiversidade - a bioeconomia é tida como uma oportunidade de redirecionar práticas econômicas históricas que muitas vezes levaram à exploração desenfreada. Por isso, no contexto Amazônico, a bioeconomia tem sido entendida como um conjunto de “atividades econômicas e comerciais que envolvem cadeias da sociobiodiversidade sustentáveis e nativas da Amazônia” (Sicsu et al. 2020, p.16), não raro, imprimindo na prática diferentes princípios basilares do empreendedorismo social.

De acordo com um estudo recente de Bérgamo et al. (2022), a implementação efetiva de uma bioeconomia na Amazônia brasileira deve estar sustentada em quatro princípios orientadores essenciais, sendo eles:

- a) Desmatamento zero, destaca a importância de evitar a degradação florestal, que ameaça à integridade do ecossistema amazônico;
- b) Diversificação dos métodos de produção, expõe a necessidade de alternativas à comoditização de produtos como o açaí, buscando práticas que respeitem e valorizem a biodiversidade;
- c) Fortalecimento das práticas milenares da Amazônia, com vistas a preservar e notabilizar as práticas socioeconômicas e culturais dos povos amazônicos;
- d) Compartilhamento equitativo dos benefícios, que demanda uma distribuição justa dos benefícios econômicos, garantindo que as comunidades locais se beneficiem de maneira equitativa.

Diante da necessidade de promover as práticas milenares de povos amazônicos, destacam-se, sobretudo, os povos indígenas em sua visão de bioeconomia como aponta Nobre et al. (2023, p. 117): “Para os povos indígenas brasileiros, a palavra bioeconomia representa apenas uma nova maneira de descrever modos de produção tradicionalmente praticados, onde o respeito à natureza é uma peça fundamental”. Para além de uma lógica contemporânea de padrões estabelecidos, os povos originários agem conservando a floresta em pé, por meio de

técnicas ancestrais promovem a bioeconomia, cultivando, manejando e comercializando produtos de maneira sustentável (Uma Concertação Pela Amazônia, 2024).

Para os povos indígenas a economia está inserida na terra, na perspectiva da indivisível relação entre a humanidade e a terra. Desse modo, a bioeconomia não é meramente um produto, mas um processo que envolve saberes ancestrais e como a economia desses povos é conduzida por meio da perpetuação desses saberes (Uma Concertação Pela Amazônia, 2024). Nesse sentido, defende-se que a transição para a uma bioeconomia que respeite e incorpore os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas é vital, comprovando que a bioeconomia também pode ser baseada em inovações pautadas no conhecimento da natureza. Afinal, essa abordagem contribui para a manter o equilíbrio ecológico e a biodiversidade, além de propiciar meios de vida sustentáveis que podem coibir práticas degradantes, as quais ameaçam os modos de vida e a integridade ecológica da natureza (Bastos Lima e Palme, 2021).

Contudo existem inúmeros desafios que atravancam o desenvolvimento da bioeconomia, sobretudo no que toca a falta de recursos financeiros destinada aos empreendimentos (Bröring e Vanacker, 2022). Pesquisas recentes apontam que para acontecer o desenvolvimento da bioeconomia há uma necessidade de investimento de 1,8% do PIB (Produto interno bruto) nacional ao ano até 2050 (Nobre et al., 2023), o que implica dar um grande salto no volume dos investimentos aportados nesse campo. Aprofundando ainda mais essa problemática, organizações como a Nature Finance e a Fundação Getúlio Vargas (2024) apontam que, paralelamente, há também o obstáculo da democratização dos recursos, destacando a necessidade de maiores investimentos em projetos ou empresas sem histórico de crédito ou receitas garantidas, realidade da ampla maioria dos pequenos negócios da região amazônica.

A fim de fazer frente a essa problemática e catalisar o capital necessário para esses empreendimentos, estão surgindo mecanismos de financiamento inovadores que deixam de lado a lógica risco-retorno tradicional e aplicam a lógica do capital paciente, considerando as peculiaridades de empreender na Amazônia e o protagonismo dos seus povos (Fernandes e Comini, 2024). Com isso, tais iniciativas não apenas protegem a biodiversidade, mas também promovem a resiliência comunitária e a inclusão econômica, oferecendo alternativas lucrativas aos atores que queiram juntar forças contra a economia de desmatamento (Rappaport et al., 2022). É nesse cenário que ganham destaque os fundos não reembolsáveis, pois eles constituem a fonte mais promissora e, em alguns casos, a única disponível as iniciativas de pequeno porte e com impacto social e ambiental (Nobre et al., 2023).

3. Procedimentos metodológicos

Este artigo analisou o desenvolvimento de mecanismos de financiamento engajados com a promoção de uma bioeconomia inclusiva na Amazônia, com foco especial em iniciativas voltadas para os povos e comunidades indígenas da região. Ao abordar essa temática, o estudo alargou e aprofundou o conhecimento existente sobre uma temática pouco explorada na literatura, assumindo um caráter não somente exploratório, como também descritivo (Holanda, Ribeiro e De Jesus, 2020). Em todo o caso, sempre prezando por um conhecimento construído a partir de uma teorização indutiva, admitindo a emergência de novas ideias e conceitos ao longo da pesquisa (Bansal, Smith e Vaara, 2018).

Consoante o objetivo almejado e a postura epistemológica escolhida, o estudo adotou uma abordagem eminentemente qualitativa, procurando fornecer novas formas de compreensão dos fenômenos abordados e um entendimento mais robusto de contextos inexplorados em outras pesquisas (Bansal, Smith e Vaara, 2018). Já no que concerne à estratégia de pesquisa, recorreu-se a um estudo de caso único, o do Fundo Podáali: o primeiro Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, cujo foco é voltado para as demandas dos aproximadamente 400 mil indígenas distribuídos nos nove estados da região (Podáali, 2024a).

Além de se distinguir pela sua ampla abrangência, trata-se do primeiro fundo não apenas destinado, mas também gerido pelos povos indígenas, o que imprime um caráter único à iniciativa, demandando assim um conhecimento mais aprofundado sobre a sua constituição e funcionamento. Indo além da adequação a questões do tipo “como” e “porque” (Pozzebon e De Freitas, 1998), estudos de caso também possuem larga aplicação à análise de eventos contemporâneos e de situações nas quais não existe controle sobre o comportamento das variáveis (Bressan, 2000), alinhando-se assim ao objetivo da pesquisa.

Para compreender em profundidade o caso abordado, trabalhou-se com um corte temporal do tipo longitudinal, reconstruindo a trajetória do Fundo Podáali desde os momentos que antecederam a sua criação e o início da sua operação. Com isso, foi possível retomar um conjunto amplo de fatos e eventos, como as principais atividades, recursos e atores envolvidos na história da iniciativa, sobretudo no período que compreende as primeiras discussões, no ano de 2011, até a realização da segunda chamada de apoio a projetos, realizada recentemente no ano de 2024.

No que concerne à coleta de dados, o estudo foi estruturado em torno de quatro fases. A primeira delas foi focada na obtenção de dados secundários, os quais foram fundamentais para o embasamento teórico e conceitual do caso, tendo como fonte de dados documentos, site oficial do Podáali e vídeos disponíveis no You Tube. Foram analisados 2 vídeos, totalizando 42 min e transcritos em 12 páginas. Além disso, foram examinados 19 documentos, abrangendo um total de 197 páginas. Na segunda fase, o foco recaiu enfim na obtenção de dados primários, com destaque para a entrevista em profundidade realizada com Cláudia Soares, Diretora Secretária do Podáali, a qual foi essencial para o maior detalhamento do caso. A entrevista teve duração de aproximadamente 60 min, resultando em 22 páginas de conteúdo transcrito sobre a origem do Fundo, desafios encontrados, atividades da primeira chamada e atores chave do Fundo. Com base nos conhecimentos obtidos por meio dessas duas primeiras fases, procurou-se entender (na terceira fase) como o Fundo prospecta projetos para as chamadas e, por conseguinte (na quarta fase), quais são as principais dúvidas do público a respeito do funcionamento do Fundo.

Por meio da triangulação de diferentes fontes e tipos de dados, conseguiu-se gerar um painel rico em informações, às quais foram analisadas a partir da análise de conteúdo categorial temática, usando como categorias aspectos que emergiram ao longo das análises, com destaque para: os principais atores envolvidos no desenvolvimento do Fundo Podáali, atividades realizadas no decorrer da sua trajetória e recursos utilizados nesse processo.

4. Apresentação e Análise dos resultados

Em consonância com a abordagem longitudinal adotada, os resultados obtidos são apresentados a partir de uma narrativa histórica, utilizando determinados marcos como norteadores para proceder as análises das diferentes categorias abordadas na pesquisa. Assim, inicia-se com uma breve apresentação do caso, descrevendo as principais fases que marcaram a sua trajetória até o momento. Com base nesse percurso, procede-se então uma análise mais detalhada, fase a fase, das categorias abordadas na pesquisa. Por fim, essas fases e suas características são sintetizadas, proporcionando uma compreensão do percurso da pesquisa.

4.1. A trajetória do Fundo Podáali

A origem do nome Podáali vem da língua Baniwa, do tronco linguístico Aruak, que significa ‘doar sem querer receber nada em troca’ (Podáali, 2024b). O termo não carrega apenas um significado simbólico, mas direciona as ações e é um fio condutor para as operações do Fundo. O significado expressa, sobretudo, o anseio do Podáali de servir as organizações e comunidades indígenas. Embora a concepção do Fundo date do ano 2011, o Podáali foi fundado oficialmente apenas em 2020, com a missão de ser referência na captação, gestão e repasse de recursos aos povos indígenas da Amazônia, promovendo a autonomia e protagonismo, direitos

indígenas e preservação dos territórios e do meio ambiente. Assim, o Fundo almeja ser um instrumento estratégico para as lutas dos povos indígenas da região (Podáali, 2024c).

Apesar do pouco tempo de atuação, o Fundo tem conseguido engajar uma quantidade e uma variedade de atores bastante expressiva, bem como obter resultados relevantes, como mostra a figura 01.

Figura 01 - Marcos históricos do Fundo Podáali de acordo com os principais atores e resultados



Fonte: Dados da pesquisa

Ao longo desse processo, Podáali já conseguiu dinamizar a utilização de três milhões e seiscentos mil reais (R\$3.600.000), captando financiamentos volumosos junto a diferentes fontes e depois aportando cotas menores para projetos de pequeno porte, todos eles conduzidos por povos indígenas, seja de modo autônomo ou em parceria com outras organizações (Podáali, 2022a, 2024d).

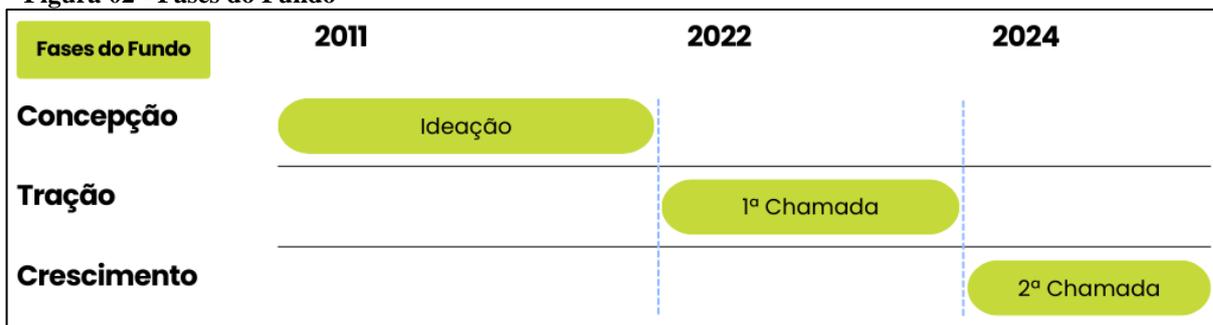
A partir das suas atividades o Fundo consegue desburocratizar o acesso a recursos financeiros essenciais, fazendo com que os recursos cheguem ao ‘chão’ das aldeias e atendam demandas históricas dos povos originários do Brasil, em especial, no que toca os projetos no campo da sociobioeconomia. Ao conciliar questões econômicas, ambientais e sociais em suas iniciativas, esses projetos podem contribuir significativamente para a sustentabilidade dos territórios indígenas, demandando um conhecimento mais aprofundado sobre sua trajetória, entendendo atividades realizadas, principais recursos e atores envolvidos.

4.2. As principais fases da trajetória do Fundo Podáali

A partir de uma análise dessa trajetória, percebe-se que a história do Fundo Podáali pode ser subdividida de acordo com três fases principais, referentes à concepção, tração e crescimento do Fundo. A fase de concepção está relacionada com as discussões envolvidas,

ideação do Fundo, bem como o processo de construção da organização. Já a fase de tração é marcada pelo desenvolvimento da primeira chamada do Fundo, um passo importante para a implementação do apoio aos projetos indígenas. Por fim, a fase de crescimento se inicia com o lançamento da segunda chamada, ato que indica maior capacidade de operacionalizar recursos. A figura a seguir permite entender com mais clareza como essas fases estão divididas com relação a cronologia do fundo:

Figura 02 - Fases do Fundo



Fonte: Dados da pesquisa

A seguir, procura-se oferecer um panorama dessas diferentes fases, de acordo com as categorias analisadas ao longo da pesquisa em cada uma delas.

4.2.1. Concepção

O Podáali é um marco para o movimento indígena amazônico, sendo reflexo de mais de uma década de planejamento e discussões. A realização do Fundo simboliza não apenas um esforço indígena para um mecanismo próprio de financiamento, mas também um passo estratégico no sentido de fortalecer e preservar a cultura e os territórios (Cláudia Soares).

Valéria Paye, Diretora Executiva do Podáali, durante palestra do TEDxAmazônia, explica que o Fundo era uma demanda premente apresentada pelos povos indígenas. Ao longo do tempo a implementação de projetos e programas causaram ‘feridas’, que prejudicaram as organizações indígenas e ameaçaram sua existência, isso tudo devido à falta de experiência dessas organizações. Contudo, foi a partir dessas situações dolorosas que se pensou em criar um mecanismo específico (TEDx Talks, 2024).

Nos dias 18 e 21 de junho de 2011, em São Gabriel da Cachoeira na maloca da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FIORN), se iniciaram os debates acerca dos modos de garantir a sustentabilidade financeira, técnica e política do movimento indígena, foi nesse cenário que emergiu a ideia de criar um Fundo indígena permanente (Podáali, 2021a).

Dando continuidade a trajetória do Fundo, em 2012 foi feita uma análise técnica para subsidiar a sua criação. Já no ano de 2013 aconteceu a Oficina de Intercâmbio, que contou com a participação de lideranças da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e do Governo Federal, com vistas a tratar de arranjos institucionais para criação de um Fundo indígena, na qual foram discutidas questões de sustentabilidade e financiamento de projetos indígenas (Podáali, 2024e).

No ano de 2017 as oficinas de discussão da criação do Fundo começaram a ser realizadas, envolvendo lideranças amazônicas, instituições parceiras governamentais e não-governamentais e doadores. O intuito era discutir como o Fundo poderia fortalecer e dar autonomia para os povos indígenas e suas organizações (Podáali, 2024e).

Em 2018 começaram a ser realizadas quatro oficinas com o objetivo de desenhar uma estrutura de governança que refletisse as especificidades dos povos indígenas. De maneira itinerante essas oficinas foram acontecendo, sendo a primeira em Belém e a sua última em Brasília, no ano de 2019, com o lançamento do Podáali, um triunfo construído de maneira

colaborativa pelo movimento Indígena Amazônico, sendo oficialmente fundado no ano de 2020 (Podáali, 2020a).

No ano de 2020 um grande desafio estava pela frente, a pandemia da Covid-19. Valéria Paye explica que mesmo diante do cenário pandêmico o fundo conseguiu dar passos para sua estruturação: “A crise epidemiológica que afeta a todos nós desde 2020 nos fez diminuir os passos na vida e nos nossos processos na construção do Podáali. Apesar disso, o Fundo Indígena da Amazônia Brasileira foi sendo erguido lentamente.” (Podáali, 2020b, p.1).

Nesse cenário, o Podáali passou por um processo de construção de um dos recursos mais importantes para seu funcionamento, os recursos humanos. Nesse período a sua governança foi estruturada, organizada em diferentes instâncias decisórias e consultivas. Todas as áreas do Fundo são compostas exclusivamente por indígenas (Assembleia Geral, Conselho Fiscal, Conselho Deliberativo, Diretoria Executiva), com exceção do Conselho Orientador. Tal formato de governança garante que as decisões estejam em linha com as visões das comunidades formadas pelos povos originários. Além da governança existe a estrutura interna do Fundo, composta pelos setores: Financeiro, Administrativo, Secretariado, Gestão de projetos, Comunicação e Diretoria executiva (Podáali, 2022b). A figura a seguir detalha a governança e estrutura interna do Fundo:

Figura 03 – Governança e estrutura interna do Podáali



Fonte: Dados da pesquisa

Paralelamente a consolidação de seus recursos humanos, ocorreu a obtenção de recursos estruturais importantes, como o site oficial, a sede própria, o desenvolvimento de seu sistema de projetos e financeiro (Podáali, 2022c, 2022d). Junta-se a isso, as certificações do fundo, a exemplo, a certificação System for Award Management (SAM), que garante que o fundo seja considerado equivalente a uma instituição de caridade dos Estados Unidos, o que o habilita a atuar junto a apoiadores internacionais (Podáali, 2022e).

No que concerne aos atores envolvidos na criação do Podáali, destaca-se alguns de suma importância em diferentes áreas do Podáali, dando auxílio técnico e formação. A COIAB foi o primeiro ator envolvido do Podáali, tendo em vista que a ideia germinou dentro dessa organização. Ela teve papel fundamental durante a trajetória do Podáali, pois no início serviu como incubadora durante a estruturação do fundo (Podáali, 2021b).

Conforme indicado em Podáali (2021a) a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e o Fundo Brasil de Direitos Humanos (FBDH) foram atores relevantes tendo como algumas de suas contribuições o apoio técnico em orientações normativas de recebimento, monitoramento e avaliação de recursos financeiros. Além desses, o World Wide Fund for Nature (WWF) teve contribuição na construção do regimento interno e do manual de normas e procedimentos administrativos e financeiros. É preciso destacar que o FBDH proporcionou, além do apoio técnico, uma experiência conjunta crucial para que o fundo estivesse preparado para o lançamento de sua primeira chamada, já que convidou o Podáali para acompanhar o processo de implementação do seu edital, permitindo exercitar na prática esse processo:

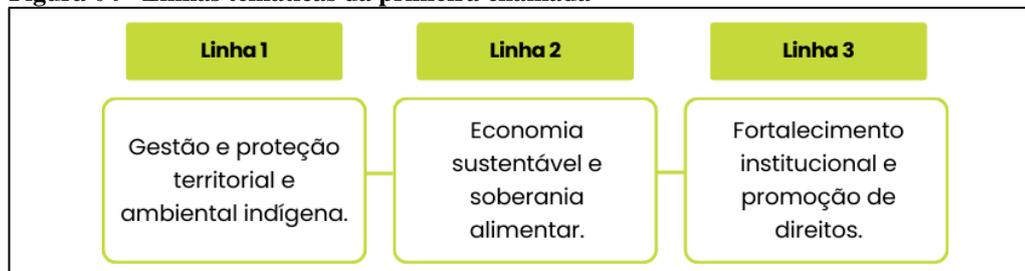
O Podáali foi convidado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos para acompanhar, durante os últimos meses do ano, o processo de implementação do edital 'Em defesa dos Direitos Indígenas'. A iniciativa de parceria tem o objetivo de exercitar, na prática, os passos para a execução de um apoio: desde a abertura do edital, seleção, monitoramento e avaliação. Além da participação da equipe em reuniões de execução da chamada, os Conselheiros do Podáali também foram convidados para acompanhar a seleção das propostas recebidas, como experiência para atuação e aplicação no Podáali (Podáali, 2021c, p.3).

Além desses atores, existe também um Grupo de Trabalho (GT), que foi imprescindível durante a primeira chamada, tal GT auxiliou em várias das etapas da chamada, como construção dos documentos da chamada, lançamento, oficinas, recebimento, cadastro e triagem, comitê de seleção independente e seleção final. O GT era formado por pessoas com talentos multidisciplinares, tendo como integrantes: Maria Leonice Tupari, Aurélio Vianna, Antônio Dimas e como convidada Juliane Yamakawa. (Podáali, 2023a).

4.2.2. Tração

Inaugurando uma nova fase na trajetória do fundo, a primeira chamada foi lançada em dezembro de 2022, intitulada 'Amazônia Indígena Resiste' (Podáali, 2022e). O edital iniciou seu período de inscrição no dia 21 de dezembro de 2022 até 20 de fevereiro de 2023, sendo destinado exclusivamente para organizações e comunidades indígenas (Podáali, 2022a). A chamada visava o apoio a projetos de pequeno porte em três linhas temáticas, sendo elas:

Figura 04 - Linhas temáticas da primeira chamada

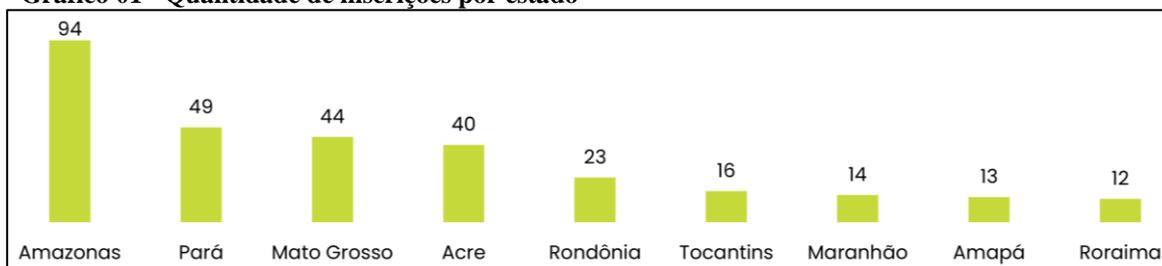


Fonte: Dados da pesquisa

Durante a primeira chamada foram inscritos 305 projetos, quantidade que surpreendeu até mesmo os gestores do Podáali (Cláudia Soares). Um fator importante que viabiliza o acesso ao Fundo é proporcionar que organizações sem CNPJ consigam acessar os recursos por meio

de organizações parceiras que tenham CNPJ e desse modo repassam o dinheiro para os projetos. O que corrobora para isso é que 40% de seus projetos apoiados durante a primeira chamada, usaram de parceiros para ter acesso a chamada (Podáali, 2023a). Na figura a seguir é possível ver o quantitativo de inscrições por estado:

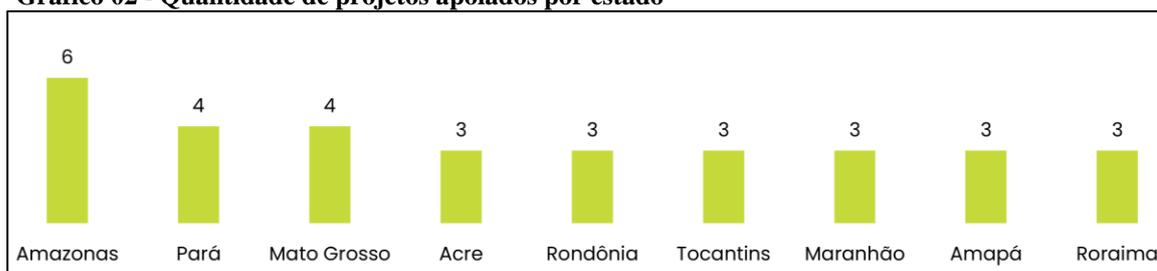
Gráfico 01 - Quantidade de inscrições por estado



Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os inscritos, foram apoiados 32 projetos, somando um total de R\$1.600.000 destinados ao fomento de iniciativas indígenas (Cláudia Soares). Na figura a seguir é possível ver a capilaridade dos projetos apoiados, sendo os estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso os que detêm maior quantitativo de projetos.

Gráfico 02 - Quantidade de projetos apoiados por estado



Fonte: Dados da pesquisa

Todas essas iniciativas puderam ser apoiadas tendo como fator chave a diminuição de barreiras burocráticas para facilitar o acesso ao Fundo e fortalecer as organizações indígenas. Cláudia Soares destaca que umas das intenções do Fundo são a desburocratização e o fortalecimento protagonismo nas iniciativas indígenas:

E, ao mesmo tempo, a gente faz uma incidência muito forte de que não tem como a gente acessar recursos que tenha muita burocracia, porque senão a gente vai acabar levando para os territórios. E a nossa intenção é que essa burocracia termine no Podáali. Que fique no Podáali e que não passe para os territórios. Porque a gente não está financiando projetos por financiar. Nós estamos fortalecendo uma estrutura que já existe nos territórios. Nós estamos potencializando os modos de vida que já existem nos territórios (Cláudia Soares).

Após os projetos serem aprovados eles receberam uma cartilha de execução de prestação de contas e junto disso houve a realização de oficinas explicando cada ponto da prestação de contas e oferecendo orientações acerca da execução (Podáali, 2023b). Cláudia Soares explica um pouco mais sobre o acompanhamento do Fundo durante o processo de prestação de contas dos projetos:

Eles fazem, eles acompanham, eles executam, e aí, se eles têm dúvida, eles entram em contato conosco, porque o principal objetivo do Podáali é trazer, evidenciar, na verdade, essa autodeterminação e essa autonomia dos próprios territórios fazerem

gestão dos seus recursos. Então nós não interferimos, mas nós estamos ali acompanhando. E aí a prestação de contas é a mais simples possível, que você possa imaginar, é a prestação de contas deles (Cláudia Soares).

O processo de acompanhamento dos projetos visa ser o mais natural possível para que as organizações e comunidades indígenas se tornem protagonistas na gestão de seus projetos (Cláudia Soares). A formação, por meio das oficinas, apresenta os principais documentos que as organizações indígenas vão lidar como os relatórios, o contrato de parceria com o Podáali e a cartilha, que mostra temas, exemplos e dicas relevantes para os gestores organizarem as finanças e terem sucesso na realização do projeto como um todo (Podáali, 2023c). Tal processo é necessário para que os projetos estejam mais preparados para que a execução de suas iniciativas seja exitosa dentro do cronograma dos oito meses, especificados no edital, para execução dos projetos.

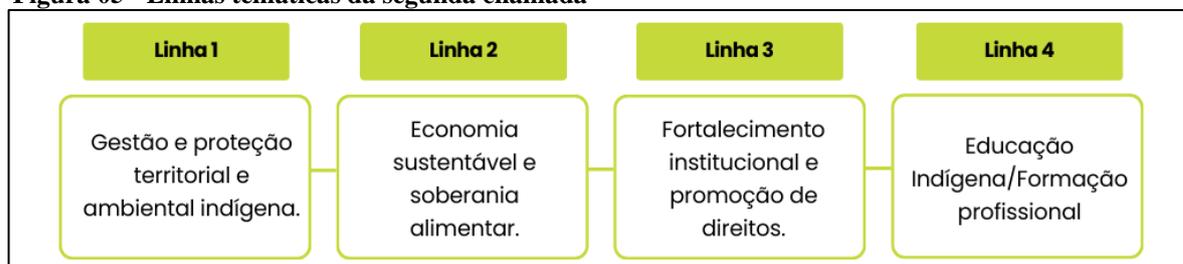
4.2.3. Crescimento

No dia 24 de abril no Acampamento Terra Livre (ATL) edição 2024 foi lançada a segunda chamada do Podáali com o lema: ‘Amazônia Indígena Resiste: Na defesa e cuidado com as vidas’. As inscrições serão de 29 de abril a 15 de julho de 2024. Para esse edital serão selecionados até 20 de agosto pelo menos 40 projetos de pequeno porte, os valores podem chegar a R\$2.000.000 aportados em projetos que promovam as linhas temáticas do Fundo (Podáali, 2024d). A vice-diretora executiva do Podáali, Rose Meire, explica sobre o lançamento da segunda chamada e sobre a inclusão de uma nova linha temática:

Primeiramente, dizer que é uma imensa alegria estar aqui para lançar a segunda chamada para o nosso Fundo indígena. [...] e no intuito de fazer chegar recursos diretos às nossas iniciativas próprias e àquelas organizações que precisam ser fortalecidas para alcançar outros projetos maiores, é que lançamos essa segunda chamada. A nossa chamada, ela tem quatro linhas prioritárias para apoio. As linhas são: gestão e proteção territorial e ambiental, economia sustentável e soberania alimentar, fortalecimento institucional e promoção de direitos, e um tema muito importante que nós estamos vendo no âmbito da discussão aqui na Tenda da COIAB, é muito falado, que é a educação indígena (COIAB Amazônia, 2024, p. 5).

A figura a seguir mostra as linhas temáticas da segunda chamada:

Figura 05 - Linhas temáticas da segunda chamada



Fonte: Dados da pesquisa

Durante o período de inscrição de cada chamada são realizadas as oficinas Tira Dúvidas, para a segunda chamada essas oficinas iniciaram no mês de maio de 2024. Essas oficinas são importantes para o esclarecimento de como fazer a inscrição e quais os requisitos de elegibilidade e restrições, bem como a destinação dos recursos e o enquadramento dos projetos, sendo as principais dúvidas postas em documento de perguntas frequentes (Podáali, 2024f).

Considerando a intensificação de demandas para atuação do Fundo, Cláudia Soares destaca o fortalecimento do Fundo na sua estrutura interna ainda em 2024: “Agora que nós

estamos começando a fazer as contratações. [...] Fizemos quatro contratações agora em fevereiro, em janeiro e fevereiro. E temos previstas aí mais contratações também” (Cláudia Soares).

Após o detalhamento de cada fase do Podáali, bem como a exposição das categorias de análise, é possível representar visualmente a trajetória do Podáali e as descobertas do estudo por meio da figura a seguir:

Figura 06 – Resumo das fases e categorias de análise

		Fases do Podáali		
		Concepção	Tração	Crescimento
Categorias	Atividades realizadas	<ul style="list-style-type: none"> • Discussões da criação do Fundo; • Análise técnica de criação; • Oficinas de criação; • Lançamento do Fundo; • Estruturação dos recursos humanos; • Construção dos sistemas de projetos e financeiro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lançamento da primeira chamada; • Inscrições dos projetos; • Avaliação dos projetos; • Formação de execução e prestação de contas; • Acompanhamento dos projetos; • 32 projetos apoiados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lançamento da primeira chamada; • Inscrições dos projetos; • Aumento da estrutura interna; • Prospecção de 40 projetos.
	Recursos utilizados	<ul style="list-style-type: none"> • Governança e estrutura interna; • Site oficial; • Sistemas de projetos e financeiro; • Sede administrativa; • Certificações internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Governança e estrutura interna; • Site oficial; • Sistemas de projetos e financeiro; • Sede administrativa; • Certificações internacionais; • Recurso financeiro: <ul style="list-style-type: none"> ◦ R\$ 1.600.000 	<ul style="list-style-type: none"> • Governança e estrutura interna; • Site oficial; • Sistemas de projetos e financeiro; • Sede administrativa; • Certificações internacionais; • Recurso financeiro: <ul style="list-style-type: none"> ◦ R\$ 2.000.000
	Atores envolvidos	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira; • Coordenadoria Ecumênica de Serviço; • Fundo Brasil de Direitos Humanos; • World Wide Fund for Nature; • Grupo de trabalho. 	Em fase de identificação	Em fase de identificação

Fonte: Dados da pesquisa

Em suma, essa figura representa de maneira resumida o avanço do Podáali ao longo da sua trajetória, em prol não somente da bioeconomia e do empreendedorismo social, mas das causas dos povos indígenas de modo mais amplo. Ao decorrer das fases do Fundo observa-se um aumento do seu fortalecimento e o ganho de robustez nas diferentes categorias analisadas, o que cumulativamente tem proporcionado uma atuação mais madura e uma operacionalização também mais complexa, como se aborda nas considerações finais da pesquisa.

5. Considerações finais

Como é de amplo conhecimento, salvar a Amazônia é uma corrida contra o relógio (Lapola et al., 2023). Contudo, muitas vezes se esquece que esse desafio passa, obrigatoriamente, pela salvação dos guardiões desse imenso patrimônio natural e cultural da humanidade. Enquanto habitantes seculares da região, os povos indígenas ocupam uma posição importante nesse processo. Isso demanda um conjunto amplo de ações, incluindo um

engajamento genuíno dos estudos organizacionais (e, particularmente, dos acadêmicos de empreendedorismo social) com o fortalecimento de iniciativas capazes de contribuir para a manutenção desses povos e dos seus modos de vida. Ao construir uma ponte entre esse campo empírico, o desenvolvimento de atividades importantes como a bioeconomia e a compreensão de novas formas de empreendedorismo, esta pesquisa evidenciou a relevância de mecanismos de financiamento inovadores adaptados às especificidades da Amazônia, que valorizem e fortaleçam os saberes ancestrais dos povos originários.

Por meio do estudo do Fundo Podáali, demonstramos que é possível mobilizar recursos substanciais e fomentar iniciativas que promovam a bioeconomia na região. Adicionalmente, os resultados aqui abordados apontam que a estruturação de mecanismos como o Podáali é uma estratégia eficaz para superar as barreiras de acesso a financiamentos enfrentadas pelas comunidades indígenas, pois mecanismos desse tipo contribuem para o fortalecimento dos povos indígenas e oferecem alternativas viáveis à economia do desmatamento.

Para além do uso dos recursos financeiros, o fator desburocratização se destaca como ação chave para aproximar o Fundo do seu público. Tal fator está intimamente ligado à gestão do Fundo, gerido por indígenas, no anseio de dar autonomia e protagonismo para as iniciativas indígenas em seus modos próprios de organização. Ao fortalecer as iniciativas indígenas a bioeconomia também é fortalecida. Desse modo, para que a bioeconomia seja consolidada como caminho de desenvolvimento sustentável na Amazônia, é preciso intensificar a criação de mecanismos de financiamento inovadores, bem como qualificar os mecanismos existentes de modo a atender as peculiaridades do bioma.

Nesse cenário, a pesquisa contribui significativamente para o debate sobre bioeconomia e financiamento de impacto, fornecendo ideias valiosas para a gestão de fundos dedicados à promoção de uma bioeconomia sustentável e engajada com os povos originários. Indo além, a pesquisa também oferece uma base interessante para futuras investigações. Embora contando com algumas limitações, como a utilização de um único caso e a falta de dados acerca dos impactos financeiros e sociais, fica evidente que as pesquisas futuras poderiam realizar estudos comparativos entre diferentes mecanismos de financiamento inovadores para identificar melhores práticas e estratégias. Assim, em conjunto, será possível aprimorar os modelos de financiamento e garantir que eles atendam de maneira eficaz às necessidades das comunidades indígenas e da biodiversidade amazônica, contribuindo para a manutenção da maior floresta tropical do planeta e para a continuidade dos seus serviços ecossistêmicos.

Referências

ABRAMOVAY, R. et al. The New Bioeconomy in the Amazon: Opportunities and Challenges for Healthy, Standing Forests and Flowing Rivers. In: Science Panel for the Amazon. Amazon Assessment Report. New York/São José dos Campos: Science Panel for the Amazon, 2021.

ARAGÓN, L. E. A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. *Revista NERA*, v. 21, n. 42, p. 15-33, 2018.

BANSAL, Pratima e SMITH, Wendy K.; VAARA, Eero. New ways of seeing through qualitative research. *Academy of management journal*, v. 61, n. 4, p. 1189-1195, 2018.

BASTOS LIMA, Mairon G.; PALME, Ulrika. The bioeconomy–biodiversity nexus: enhancing or undermining nature 's contributions to people?. *Conservation*, v. 2, n. 1, p. 7-25, 2021.

BÉRGAMO, Daniel et al. A bioeconomia amazônica: além do uso de produtos florestais. *[S.l.]*: *Ecological Economics*, v. 199, 2022.

BRESSAN, Flávio. O método do estudo de caso. *Administração on-line*, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2000.

BRÖRING, Stefanie; VANACKER, Ana. Designing Business Models for the Bioeconomy: What are the major challenges?. *EFB Bioeconomy Journal*, v. 2, p. 100032, 2022.

COIAB AMAZÔNIA. Lançamento da 2ª chamada de Apoio a Pequenos Projetos do Podáali - Tenda da Amazônia no ATL 2024. *You Tube*, 24 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgdgZVTpzbq> . Acesso em: 05 de Abril de 2024.

FERNANDES, José Augusto Lacerda; COMINI, Graziella Maria. Caminhos para alavancar os investimentos na bioeconomia da Amazônia. In: *FINANÇAS INOVADORAS*. 2. ed. São Paulo: Stanford Social Innovation Review Brasil, 2024. p. 24-33.

FERNANDES, José Augusto; COMINI, Graziella; RODRIGUES, Juliana. Bioeconomia Inclusiva na Amazônia: Como Orquestrar a Economia da Floresta em Pé. *Stanford Social Innovation Review Brasil*, v. 1, n. 2, p. 24-31, 2022.

HOLANDA, Paulo Marcelo Carvalho; RIBEIRO, Júlia Rocha; DE JESUS, Miriam Cândida. Estudo de caso: aplicabilidade em dissertações na área de ciência da informação. *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação*, v. 13, n. 2, p. 685-703, 2020.

ITEDX TALKS. Passou o tempo que outros decidiam o que tínhamos que fazer | Valéria Paye Pereira | TEDxAmazônia. *You Tube*, 17 de junho de 2024. Disponível em: <https://youtu.be/qXGu3yq8mlo> . Acesso em: 05 de junho de 2024.

LAPOLA, D. M.; et al. The drivers and impacts of Amazon forest degradation. *Science*, v. 379, n. 6630, 2023.

LOVEJOY, T. E.; NOBRE, C. Amazon tipping point. *Science Advances*, v. 4, n. 2, 2018.

NATURE FINANCE; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. A Bioeconomia Global – Levantamento Preliminar das Estratégias e Práticas do G20: uma contribuição para a Iniciativa de bioeconomia do G20. *[S. l.: s. n.]*, 2024.

NOBRE, Carlos A. et al. *Nova Economia da Amazônia*. São Paulo: WRI Brasil, Relatório, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *State of the World 's Indigenous Peoples Vol V: Rights to Lands, Territories and Resources*. Nova York: ONU, 2021.

PODÁALI. Áreas de atuação. 2024a. Disponível em: <https://fundopodaali.org.br/sobre/areas-de-atuacao/#> . Acesso em: 01 de Abril de 2024.

PODÁALI. Caminhada. 2024e. Disponível em: <https://fundopodaali.org.br/sobre/caminhada/> . Acesso em: 01 de Abril de 2024.

PODÁALI. Chamada nº 001.2022: Amazônia Indígena Resiste, 20 de dezembro de 2022a. Apoio a iniciativas indígenas na Amazônia brasileira. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira. 21 de dezembro de 2022.

PODÁALI. Chamada nº 002.2024: Amazônia Indígena Resiste: Na defesa e cuidado com as vidas, 24 de abril de 2024d. Apoio a iniciativas indígenas na Amazônia brasileira. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira. 29 de abril de 2024.

PODÁALI. Conheça o Podáli. 2024b. Disponível em: <https://fundopodaali.org.br/sobre/>. Acesso em: 01 de Abril de 2024.

PODÁALI. Informativo Nº 001. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2020a.

PODÁALI. Informativo Nº 002. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2020b.

PODÁALI. Informativo Nº 003. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2021b.

PODÁALI. Informativo Nº 005. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2021c.

PODÁALI. Informativo Nº 006. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2022c.

PODÁALI. Informativo Nº 007. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2022d.

PODÁALI. Informativo Nº 008. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2022e.

PODÁALI. Informativo Nº 009. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2023a.

PODÁALI. Informativo Nº 010. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2023b.

PODÁALI. Missão e Objetivos. 2024c. Disponível em: <https://fundopodaali.org.br/sobre/missao-e-objetivos/>. Acesso em: 01 de abril de 2024.

PODÁALI. Parentes e representantes de organizações com projetos selecionados na chamada 'Amazônia Indígena Resiste' fortalecem as capacidades para executar as propostas, durante as oficinas de orientação para execução e prestação de contas do Podáli. 2023c. Disponível em: <https://fundopodaali.org.br/parentes-e-representantes-de-organizacoes-com-projetos-selecionados-na-chamada-amazonia-indigena-resiste-fortalecem-as-capacidades-para-executar-as-propostas-durante-as-oficinas-de/>. Acesso em: 28 de junho de 2024.

PODÁALI. Perguntas frequentes. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2024f.

PODÁALI. Regimento Interno. Manaus: Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, 2022b.

PODÁALI. Relatório de atividades Podáli 2020. Manaus: Fundo Podáli, 2021a.

POZZEBON, Marlei e DE FREITAS, Henrique MR. Pela aplicabilidade: com um maior rigor científico dos estudos de caso em sistemas de informação. Revista de Administração contemporânea, v. 2, p. 143-170, 1998.

RAPPAPORT, D. et al. The 2022 Finance Amazonian Report - Want to future-proof the world? Invest in the Amazon's living system and local custodians. [S.l]: Amazon Investors Coalition, (2022).

RIGHTS AND RESOURCES INITIATIVE e RAINFOREST FOUNDATION NORWAY. Financiamento com Propósito: uma pesquisa para informar o apoio dos doadores aos direitos, clima e conservação das comunidades indígenas e locais. [S.l.: s.n.], 2022.

SICSU, Benjamin et al. Reforma Tributária, Zona Franca de Manaus e sustentabilidade: é hora de evolução. Manaus: FAS, 2020.

SITAWI. Investimento de impacto na Amazônia: Caminhos para o desenvolvimento sustentável. [S.l.]: Sitawi Finanças do Bem, 2018.

UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA (Org.). Bioeconomia indígena: saberes ancestrais e tecnologias sociais. São Paulo: Arapyaú, 2024.